

## **Paisagens *biosgeoculturais* das exterioridades: minha fronteira-sul, a morada das diferenças coloniais<sup>1</sup>**

*Paisajes biosgeoculturales de las exterioridades: mi frontera-sur, el hogar de las diferencias coloniales*

*Biosgeocultural landscapes of exteriorities: my south-border, the home of colonial differences*

**Pedro Henrique Alves de Medeiros<sup>2</sup>**

**Edgar César Nolasco<sup>3</sup>**

### **Resumo**

Este trabalho tem por objetivo delinear reflexões *outras*, de caráter crítico-biográfico fronteiriço/descolonial, à luz da paisagem da fronteira-sul (Brasil/Paraguai/Bolívia), lócus geohistórico-epistemológico, a partir da qual penso, (sobre)vivo, escre(vi)vo e enuncio. Para tal, utilizarei-me de uma metodologia bibliográfica respaldada pela crítica biográfica fronteiriça descortinada pelos conceitos de exterioridade e de paisagens *biosgeoculturais*. Dentre os autores que abalizam minha proposta, menciono, dentre outros, Walter Mignolo, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Boaventura de Sousa Santos, Edgar César Nolasco e Homi K. Bhabha. Ademais, utilizarei-me, ainda, na trilogia (des)poética de Nolasco, *Pântano* (2014), *O oráculo da fronteira* (2018) e *A ignorância da revolta* (2019), com o intuito de descortinar grafias paisagístico-biográficas *outras* do lócus de enunciação do qual habito cujas sensibilidades locais fundamentam o pesquisador fronteiriço da exterioridade (*anthropos*) que sou. Aliado a isso, evocarei traços e marcas da minha própria (auto)biografia intelectual-sul-fronteiriça de *menino-homem-fronteira*.

Palavras-Chave: Crítica biográfica fronteiriça; exterioridade; fronteira-sul; paisagens *biosgeoculturais*.

### **Resumen**

Este trabajo pretende esbozar reflexiones *outras*, de carácter crítico biográfico fronterizo/decolonial, a la luz del paisaje de la frontera-sur (Brasil/Paraguay/Bolivia), locus geohistórico-epistemológico, desde el cual pienso, (sobre)vivo, *escre(vi)vo* y enuncio. Para ello utilizaré una metodología bibliográfica sustentada en la crítica biográfica fronteriza que revelan los conceptos de exterioridad y paisajes *biosgeoculturales*. Entre los autores que apoyan mi propuesta, menciono, entre otros, a Walter Mignolo, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Boaventura de Sousa Santos, Edgar César Nolasco y Homi K. Bhabha. Además, también utilizaré la trilogía (des)poética de

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; [pedro\\_alvesdemedeiros@hotmail.com](mailto:pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com).

<sup>3</sup> Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br).

Nolasco, *Pântano* (2014), *O oráculo da fronteira* (2018) y *A ignorância da revolta* (2019), para develar gráficas otras paisajísticas y biográficas del locus de enunciación del que vivo, cuyas sensibilidades locales son la base del investigador fronterizo de la exterioridad (*anthropos*) que soy. Aliado a esto, evocaré huellas y marcas de mi propia (auto)biografía intelectual-sur-fronteriza de un *niño-hombre-frontera*.

Palabras claves: Crítica biográfica fronteriza; exterioridad; frontera-sur; paisajes *biosgeoculturales*.

### Abstract

This work aims to delineate *other* reflections, of a critical/biographical character, border/decolonial, in the light of the landscape of the south-border (Brazil/Paraguay/Bolivia), geo-historical-epistemological locus, from which I think, alive, *escre(vi)vo* and enunciate. To this end, I will use a bibliographic methodology supported by the frontier biographic criticism unveiled by the concepts of exteriority and *biosgeocultural* landscapes. Among the authors that support my proposal, I mention, among others, Walter Mignolo, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Boaventura de Sousa Santos, Edgar César Nolasco and Homi K. Bhabha. Furthermore, I will also use Nolasco's (un)poetic trilogy, *Pântano* (2014), *O oráculo da fronteira* (2018) and *A ignorância da revolta* (2019), in order to unveil *other* landscape and biographical spellings of the locus of enunciation in which I live, whose local sensibilities are the basis for the frontier researcher of the exteriority (*anthropos*) that I am. Allied to this, I will evoke traces and marks of my own intellectual (self)intellectual-south-border biography of a *boy-man-border*.

Keywords: Frontier biographic criticism; exteriority; south-border; *biosgeocultural* landscapes.

Trago aquele território-não-nomeável dentro de minha alma.  
De sua paisagem sombria e pantanosa, certa noite ouvi o canto  
desesperado do urutau  
e não tive medo de ir em sua direção – daí adveio minha eterna condição  
de andarilho [...] (NOLASCO, 2014, p. 53)

Vi uma vez e nunca mais ignorei que a fronteira-sul principiava do  
outro lado da Revolta; nessa época minha memória era o decalque de  
uma paisagem cinzenta e azul da ilha da Revolta com o canto do urutau  
encobrimdo *aquele vasto campo biográfico*. (NOLASCO, 2018, p. 77,  
grifos meus)

Quanto a mim, *penso na exterioridade*, do 'outro lado da linha', ou  
*melhor, da fronteira*, mais precisamente para aquele lugar situado que  
se apresenta na pergunta do poeta Mahmud Darwich: 'Para onde devem  
voar os pássaros depois do último céu?' Não me predisponho a pensar  
apenas na exterioridade; antes, quero e devo *pensar a partir dela*. A  
exterioridade dormita na ignorância da universalidade do dentro. [...] [Minha  
escrevivência] é minha *travessia em direção à exterioridade  
fronteira que me habita*. (NOLASCO, 2019, p. 12, grifos meus)

É pelos atravessamentos biográficos-escrevíveis e geoculturais da paisagem  
geostórica e epistemológica da minha fronteira-sul, tão real e geostórica quanto imaginária e  
epistemológica, que este trabalho emerge chancelado pela exterioridade que habita não apenas  
em mim, mas, também nos amigos críticos-poéticos-literários os quais convocarei à minha  
conversa epistêmica (MIGNOLO, 2003). Esses, mediados pelo meu manejo teórico, se  
colam/roçam no meu/nosso intercorpo-*corpus* (PESSANHA, 2018) inconveniente-desviante a  
partir da aproximação-dispersão (BHABHA, 2013) da/na fronteira. O território-quase-não-

nomeável (NOLASCO, 2014) do lócus fronteiriço está imbricado em minha alma de *menino-homem-fronteira-homo-biográfico*, bem como suas paisagens sombrias, porosas e pantanosas da exterioridade dormitadas, pela óptica colonialista-imperial do Ocidente, na ignorância, no esquecimento e na inferioridade.

Foi exatamente ali, na suposta ignorância e revolta da fronteira, que passei minha infância e cresci contemplando suas paisagens geográficas e biográficas, responsáveis pela formação da minha sensibilidade de mundo (MIGNOLO, 2017), na fazenda dos meus avós localizada nas bordas de Campo Grande (MS), a capital que nasci e continuo habitando-sobrevivendo. Pela convivialidade com as sensibilidades e com os horizontes que tais paisagens descortinavam aos meus olhos inocentes de criança que vivia entre o campo e a cidade, percebi, precocemente, que não existia apenas um mundo possível, e, sim, vários, cada um com a sua particularidade e não sendo, de maneira alguma, um melhor que o outro. Eles se mostravam tão diferentes quanto era possível sê-lo e justamente essa característica me saltava aos olhos, a experiência de viver entre-lugares que me ocorriam, fronteiriçamente, próximos/distantes e geográficos/imaginários ao mesmo tempo.

Assim, alicerçado, dentre outras, por essa premissa sensível-crítica aquilatada em meu *bios* desde cedo é que, hoje, na posição de crítico biográfico fronteiriço, ensejo em minhas escrevivências as possibilidades pluri-versais e pluri-tópicas de lutar e escre(vi)ver pelas co-existências das diferenças (coloniais) angariando sociedades mais igualitárias e justas ao prezar por *todas* as vidas. Dito isso, no tocante à minha condição fronteiriça, trago à tona uma fotografia (Figura 1) do meu eu-criança posto-exposto na paisagem *biosgeográfica* tomada pelo pôr do sol quase sanguíneo da fronteira-sul, um grande sertão epistemológico (NOLASCO, 2014), onde nasci, cresci e parti trazendo-a dentro de mim. Parafraseando Edgar César Nolasco, no livro *Pântano* (2014), a imagem a seguir descortina meu encontro com a paisagem sanguinolenta do crepúsculo que encobre uma tintura vermelha, quase negra, do vulto da fronteira que re-existe ao esquecimento, à ignorância e à revolta (NOLASCO, 2014):



Figura 1 – Meu eu-criança na paisagem *biosgeográfica* sul-fronteiriça da fazenda dos meus avós Suzete e Antônio.  
Fonte: acervo pessoal.

Dado o exposto e na esteira das epígrafes supracitadas, entrevejo, já na vida adulta, que nunca tive medo de ir em direção (NOLASCO, 2014) a minha fronteira-sul, de contorná-la e, agora bordá-la, por dentro e por fora, pelo crivo das minhas práticas epistêmicas escrevientes de crítico que pensa a partir do seu lócus geostórico e epistêmico. A dor colonizada de *anthropos* sobre-existe em meu peito ferido (NOLASCO, 2014). E, nesse lócus/campo biográfico e geocultural da exterioridade, ademais a qualquer figuração acadêmica, formei-me o *menino-homem-fronteira-homo-biográfico* que nos dias atuais me orgulho de ser. Fronteiriço, por excelência, venho compondo-delineando-tracejando as bordas do meu lócus de sobrevivência e de enunciação que atravessa todas e quaisquer homo-*bios*-grafias familiares e históricas enunciadas neste *trabalho-corpo-político*.

Tal qual o crítico sul-fronteiriço Marcos Antônio Bessa-Oliveira (2018) assente, aquilato essas minhas paisagens pela égide biográfica e seus retratos culturais afincados em uma epistemologia *outra*, fronteiriça-descolonial, e em meus corpo-*corpus* escrevientes. As paisagens *biosgeoculturais* teorizadas, ilustradas, delineadas e criadas por mim retratam, como condição *sine qua non*, a *minha* óptica de andarilho e divíduo (PESSANHA, 2018) atravessado

por minhas sensibilidades e histórias locais da/na fronteira e na exterioridade. Cada qual entrevê a paisagem particular (BESSA-OLIVEIRA, 2018) que se desenha aos seus olhos e, por extensão, a retrata da maneira que melhor lhe convém e é possível. Da minha visão, posto em um lócus enunciativo acadêmico, ainda que não o queira, territorial, entrevejo essas imagens paisagísticas do “outro lado da linha”, ademais ao último céu e aos escombros da fronteira que me resta (NOLASCO, 2019).

Entrevejo, portanto, minhas paisagens *fronterizas*/periféricas atravessadas pelo portunhol selvagem desenhadas não só para mim, e, sim, para todos aqueles que ali se encontram permeados pela porosidade da condição fronteiriça (NOLASCO, 2013) que nos habita e a qual vivenciamos na carne queimada pelo sol escaldante dos trópicos. Nesse lócus, habitamos o entre-lugar, o liminar, as permeabilidades lindeiras e transfronteiriças (NOLASCO, 2013) que parecem pontuar as *biosgeografias* do nosso pensamento periférico quase incontornável e não palpável, haja vista suas peculiaridades imaginárias e epistemológicas incutidas pelo caráter fronteiriço de ser, estar e falar/escre(vi)ver a partir da exterioridade. Dito isso, Nolasco, no poema “Epistemologia *fronteriza*”, explicita:

Nasci na fronteira-Sul;  
Cresci na fronteira-Sul;  
Parti da fronteira-Sul;

Trouxe a fronteira-Sul dentro de mim:  
– Um grande sertão epistemológico.

Aprendi a desaprender a cor sanguinolenta da fronteira. (NOLASCO, 2014, p. 13)

Isso posto, compreendo que ao mesmo tempo que habito a fronteira e o seu sertão epistemológico, esses habitam em mim (NOLASCO, 2019), no meu corpo homo-biográfico-sul-fronteiriço e se esparramam pelo *corpus* político que venho tracejando não só nesse trabalho, mas desde 2015, ano em que adentrei a universidade/a pesquisa, e, sobremaneira, em 2017, quando me vi frente-a-frente, crítico-afetivamente, ao meu aliado hospitaleiro Silvano. É na rachadura do talhão (NOLASCO, 2019) *fronterizo*-biográfico-geocultural que aquilato minha forma de pensar escre(vi)endo a partir da exterioridade. Nesse invés *outro*, do pensamento descolonial, percebo que é papel do indivíduo, ainda que da academia territorialista, sair-de-dentro-do-pensamento e do discursos modernos (NOLASCO, 2019), voltar-se para seu lócus/paisagem geoistóricos-epistêmicos e, por extensão, para suas histórias e sensibilidades locais para pensar da sua borda do fora, da margem, da periferia (NOLASCO, 2019).

Deslizo, então, pelos princípios das exclusões, das dominações (NOLASCO, 2019) e dos saberes sem lei da fronteira. Dessa forma, não acredito, jamais, que devo perseguir apenas *uma* teoria, antes disso, busco *minhas* teorizações (NOLASCO, 2019) encrustadas em meus corpos-*corpus*, *bios*, *loci*, histórias e sensibilidades locais a partir das minhas exterioridades que existem e estão postas em condições *outras* de pensamento, na margem das disciplinas modernas, ocidentais, imperiais e territoriais. Com/na fronteira, aprendo a respeitar/privilegiar a não supremacia das teorias, por outro lado, as co-existências das teorizações que emergem a partir das particularidades de cada divíduo que se escre(vi)ve com base nas paisagens *biosgeoculturais* de suas sobrevivências.

Sendo assim, se a teorização é o meu sintoma (NOLASCO, 2019), o meu grito por liberdade das amarras neocoloniais que ainda imperam hoje, a fronteira-sul é o meu lugar de resguardo, de saber, de existência-sobrevivência e de incômodo, tudo ao mesmo tempo. A paisagem da fronteira, da exterioridade, constitui-me tanto quanto a constituo, ela é a extensão do meu corpo-*corpus* (NOLASCO, 2019) fundamentando meu lugar enquanto o lócus mais real e imaginário existente. Compreendo, nessa perspectiva, que nenhuma teoria moderna oriunda da Europa ou dos Estados Unidos dispendeu seu tempo para tratar da exterioridade que habita a idiosincrasia fronteiriça e a mim e, mesmo que quisesse, não poderia falar *a partir* dela, apenas *sobre*, como tem feito há séculos com todos nós *anthropos* com suas instituições disciplinares. As *epistemes* modernas só preocuparam em reafirmar sua premissa e manutenção da interioridade *humanitas*, falar do dentro do dentro. Assim, ao (a)fora, resguardou-se ignorância, inferioridade e assujeitamento.

Nesse ínterim, entendo que nós, divíduos fronteiriços, somos a partir dos lugares e das paisagens biográficas (NOLASCO, 2019), geoculturais e histórico-ancestrais que tivemos a nossa disposição para fundamentarmos nossas sensibilidades de mundo (MIGNOLO, 2017) e as veredas sensível-epistêmicas que seguiríamos. Para mim, sob a pluma de Nolasco, a paisagem da exterioridade fronteiriça *não passa de um livro aberto* (NOLASCO, 2019) a ser desenhado-bordado pelos seus transeuntes, andarilhos e atravessados. É ali, no seu interstício, que habita uma comunhão/convulsão de linguagens (NOLASCO, 2019), sensibilidades, *biosgrafias*, histórias locais e corpos-carne que sangram convergindo-divergindo, simultaneamente, entre si, em busca de uma co-existência quase sempre não harmônica que fundamenta a fronteira sem lei, sanguinolenta, a partir da qual escre(vi)vo. A exterioridade da fronteira-sul

não é algo descritível no interior do sistema-colonial-imperial, pelo seu contrário, requer uma narrativa emergida e criada com base na própria exterioridade a partir dos seus habitantes (MIGNOLO, 2011). A exterioridade salvaguarda meu/nosso direito epistêmico de falar e escre(vi)ver sob a égide desse lugar geostórico e epistêmico. Em *A ignorância da revolta*, Nolasco assente:

IV – A paisagem da fronteira-sul é a morada da minha ignorância. Quando a vejo suspensa sobre o pântano, ou sobre a fronteira mesma, sei que nenhum clarão de quaisquer saberes vindos de longe pode irromper aquela cosmologia do lugar eivada de matizes nativos, sombrios e sanguinolentos onde abundam guavirais e pés de abóbora entrelaçados sobre o guanxuma da Revolta. De quando em quando, um urutau corta o breu paralisado da noite sobre o pântano para se refugiar nos paus secos do outro lado da fronteira-sul. Minha paisagem agrega e não contempla não apenas o canto desolado do urutau, *como também a dor presa na garganta dos povos humilhados e oprimidos e esquecidos e ignorados que sobrevivem de ambos os lados da fronteira seca*. (NOLASCO, 2019, p. 21, grifos meus)

Para Mignolo (2003, p. 243), a exterioridade é o *domínio dos estrangeiros sem teto, desempregados, ilegais, excluídos da educação, da economia e das leis que regulam o sistema*. Dessa esfera, vou além, ademais às categorias citadas, no âmbito exterior, resguardam-se, também, as dissidências de gênero/sexualidade, os *loci* outros, extrínsecos aos centros globais hegemônicos, os andarilhos/atravesados, os *sul-fronterizos*, os brasileiros/latino-americanos, dentre muitas outras classificações as quais não tenho espaço para listar aqui devido a sua vasta extensão. Em linhas gerais, à exterioridade designa-se a categoria fictícia do “o outro” criada pela hegemonia colonial-imperialista do-mesmo (MIGNOLO, 2003). No plano dessa configuração colonial, “o outro” é então o impensável, inferior, bárbaro, sub-humano sempre exterior à matriz de poder ocidental (MIGNOLO, 2003).

Para Homi K. Bhabha (2013), esse “outro”, exterior e *anthropos* pelo viés de Mignolo, perdeu o poder de significação, de negar/iniciar seus desejos epistêmico-históricos para estabelecer seus próprios discursos institucionais-oposicionais (BHABHA, 2013, p. 65). *Grosso modo*, a nós, *anthropos*, acreditou-se que restara a possibilidade única de assujeitamento e inferioridade. Nessa esfera, ainda que se possa conhecer, quase de maneira impecável, *sobre* culturas e, por extensão, histórias e sensibilidades locais *outras* docilizadas pelo corpo da diferença colonial (BHABHA, 2013) que reproduz relações (assimétricas) de subalternidade e dominação, *in facto*, só se entrevê a gênese dessas ambientações *outras* pelo atravessamento latente em seus interiores. Isso é, só se pode falar *a partir da* exterioridade, e não sobre ela,

habitando-a, sentindo suas diferenças coloniais na pele e na carne imbricadas pela ferida colonial aberta à revelia e, terminantemente, sanguinolenta.

Mignolo, em “Desobediencia epistémica, pensamiento independiente y liberación descolonial” (2010), no plano das paisagens biosgeoculturais da exterioridade, me é necessário para pontuar que a reinserção das configurações de cunho geoistórico-biográfico, nos processos de produção do saber, permite que reestruem de maneira radical os aparatos de enunciações formais da descolonização. Ao reverso da lógica/razão colonial, não é suficiente alterar o conteúdo da conversa (o enunciado) (MIGNOLO, 2015); antes disso, há que se angariar a mudança dos seus termos (a enunciação) (MIGNOLO, 2015) promovendo a real inscrição dos divídus pensantes a partir de quaisquer *loci* de enunciação geoistóricos e epistemológicos. Dito isso, quero entender que não estou defendendo uma suposta supremacia da exterioridade frente a interioridade. Pelo contrário, ensejo as co-existências dos dois lados da linha (SANTOS, 2010b) de maneira simultânea, equiparada e realmente humana.

Nesse ínterim, no plano das minhas leituras fronteiriças, descortina-se o espaço das diferenças coloniais; para Mignolo, citado por Bessa-Oliveira, a diferença colonial: “[...] é o espaço onde as histórias locais que estão inventando e implementando os projetos globais encontram aquelas histórias locais que os recebem [...]” (MIGNOLO *apud* BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 74). Nesse lugar epistêmico, as hegemonias são forçadas a co-existirem às exterioridades. Assim, tal qual a concepção de fronteira que venho articulando, a diferença colonial é a comunhão simultânea das esferas físicas-imaginárias (BESSA-OLIVEIRA, 2018) com as histórias locais assujeitadas pela colonialidade do poder dos *humanitas*. Às paisagens, *loci*, *corpos-corpus*, sensibilidades e saberes *outros*, houve o sentenciamento da diferença colonial epistêmica pela História/Arte/Literatura (com iniciais maiúsculas) para subjugar, dominar, atravessar, expurgar e, em um último nível, exterminar:

[...] é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras da vida e pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social – como ela emerge em formas culturais não-canônicas – transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura como produção irregular e incompleta de sentido de valor, frequentemente coposta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social. A cultura se adianta para criar uma textualidade simbólica, para dar ao cotidiano alienante uma aura de individualidade, uma promessa de prazer. A transmissão de culturas de sobrevivência não ocorre no organizado *musée imaginaire* das culturas nacionais com seus apelos pela continuidade de um ‘passado’ autêntico e um ‘presente’ vivo – de valor preservadora nas tradições ‘nacionais’

organicistas do romantismo ou dentro das proporções mais universais do classicismo.  
(BHABHA *apud* BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 75, grifos meus)

Isso posto, reitero a premissa basilar desse trabalho que pensar da exterioridade não requer fazê-lo *exclusivamente* de uma localização espacial-geográfica específica, mas, sobremaneira, aquilatado em uma posição crítico-teórica *outra* fronteiriça-descolonial-pós-abissal, por excelência. Desse prisma, subsidiam-se os *bios*-divíduos, os geo-espacos e as grafias-narrativas para fomentar o que Bessa-Oliveira (2018) conclama de *biogeografias*, a fronteira ou o corpo-em-estado-de-fronteira posto-exposto na ordem do contato (BESSA-OLIVEIRA, 2018). Entrevejo, então, que a edificação das fronteiras (BESSA-OLIVEIRA, 2018) vertidas em construtos monotópicos territoriais se deu/dá pelos assujeitamentos promovidos pelos discursos da colonialidade do poder que privilegiam sempre sua interioridade, de dentro para dentro, na manutenção do privilégio e do poder. Daqui, desse meu sertão epistemológico sul-fronteiriço, emergem *inscre-vi-vendo-se* corpos-*corpus* artístico-literários-poéticos-críticos inscritos e encrustados da/na fronteira, em estado quase permanente de exterioridade à hegemonia ocidental latente.

É na (trans)posição das fronteiras que se (trans)bordam (BESSA-OLIVEIRA, 2018) os corpos que nelas estão calcados. Desse ínterim, pela égide do pensamento fronteiriço, chancela-se as *diversalidades* imbricadas nas culturas latino-americanas-brasileiras-sul-*fronterizas* que (trans)bordam biogeografias culturais (BESSA-OLIVEIRA, 2018). Desse modo, a suposta inferioridade projetada às exterioridades, para Boaventura de Sousa Santos em *A gramática do tempo* (2010), advém da dimensão conceitual da descoberta imperial ao promover a ideia “do outro” transformado em alvo de violência física e epistêmica. Além de assegurar essa então inferioridade, a descoberta a legitimou e a aprofundou o quanto foi possível e nas mais variadas esferas da humanidade (SANTOS, 2010a). Em termos de significação colonial, “o descoberto” era *aquilo* que estava longe, abaixo, nas margens (SANTOS, 2010a), à semelhança do que percebo hoje no tocante à minha fronteira-sul tornada inexistente não só pelos projetos globais, mas, também, pelas regiões centrais do Brasil, sobretudo, o eixo Rio-São Paulo.

Para sustentar essas relações de inferioridade, a hegemonia colonial recorreu a diversas estratégias, dentre elas a guerra, a escravatura, o genocídio, a homofobia, o racismo, a desqualificação, a transformação “do outro” em objeto ou recurso posto-exposto em sucessões de imposições político-epistêmicas-econômicas (SANTOS, 2010a). Além disso, ainda na

chancela das práticas de inferiorização, para Santos (2010), essas se desenrolaram na economia, tributação, colonialismo, neocolonialismo e globalização imperiais, no viés político, cruzadas, impérios, estados coloniais, ditaduras e democracias e na perspectiva da cultura, epistemicídio, missão, assimilacionismo, além de indústrias e massificação culturais.

Ainda no prisma da descoberta, passível de ser articulada hoje *pari passu* às relações assimétricas difundas às fronteiras e aos corpos-*corpus outros*, entrevejo que os pressupostos colonialistas-ocidentais não dão espaço para as possibilidades de co-existências igualitárias das diferenças (coloniais). Com isso, as dignidades/humanidades das exterioridades são apagadas/silenciadas/expurgadas em vias da (auto)manutenção dos, antes, descobridores e, hoje, *humanitas* postos na interioridade dos projetos globais do capitalismo pulsante e latente. Atravessados pela urgência de *aprendermos a desaprender para reaprender* (MIGNOLO, 2008), de maneira *outra* pluri-versal e pluri-tópica, esses paradigmas institucionais hegemônicos da interioridade que meu inconformismo respaldado por (auto)questionamentos e (auto)reflexividade (SANTOS, 2010a) do Ocidente. No poema “Política local”, Nolasco reverbera:

O poeta subalterno da fronteira-Sul reconhece e rechaça a política do poeta do centro e já pensou na possibilidade pôr pra correr o poeta ocidental. Já o poeta nacional do centro não descarta a chance de ocupar o lugar do poeta universal e repetir sua poética nos grandes centros do país e periferias afora. Que o poeta do centro almeje tal feito é academicamente compreensível pela tradição poética e política nacional. *Agora que o poeta da fronteira-Sul quisesse incorporar em sua poética bugresca a poética dos outros dois seria simplesmente incompreensível. Compete a ele não ignorar as demais poéticas, mas daí repeti-las nos trópicos sulistas seria um disparate poético. Em todo caso, não faz parte da boa política do poeta subalterno deixar o poeta ocidental achar que continua a tirar ouro do nariz, nem muito menos que ainda pode falar por toda a antipoética subalterna.* (NOLASCO, 2018, p. 36, grifos meus)

Sendo assim, endosso que é do habitar a exterioridade, não apenas territorialista, que emerge a possibilidade da epistemologia fronteiriça enquanto método de pensar descolonialmente. Assim, só um pensamento que contemple as diferenças coloniais que nela grassam possam tentar contornar a paisagem *biosgeocultural* desse lócus de dentro da sua própria exterioridade latente. Enquanto críticos e intelectuais terceiro-mundistas aprendemos a negociar com as teorias migrantes (NOLASCO, 2013) de fora para nos voltarmos para nossas próprias locais e sensibilidades biográficas a partir das paisagens *biosgeoculturais* que se desenham nas fronteiras.

Diferentemente dos intelectuais centralizados condenados a pensar sempre *sobre* algum objeto inerte aos seus olhos, escre(vi)vemos a ferro e fogo *a partir* (NOLASCO, 2013) dos nossos corpos-*corpus*, sensibilidades, desejos/afetos *outros* e *loci* geostóricos/epistêmicos exumando e refundando nossas “histórias esquecidas” (NOLASCO, 2013) soterradas nas margens disciplinares da História (com letra maiúscula) e do pensamento Ocidental. Pelas tessituras e bordados escrevíveis que delineamos em nossas práticas-produções críticas-poéticas-literárias-ensaístas inscrevemos as experiências subalternas que nos assolam e registramos/tornamos públicos nossos *bios* (NOLASCO, 2013). Parece-me, na esteira de Nolasco (2013), que a nós, críticos das bordas, facultou-se a condição de teorizar sempre com base na situação de atravessamento trazendo à tona qual é o papel do intelectual hoje nas produções acadêmicas, ainda, estritamente territorialistas e disciplinares, por excelência. No poema “Fragmentos para um ensaio biográfico”, o poeta sul-fronteiriço expõe:

Nasci na Revolta; logo sou um homem revoltado (Mas confesso que prefiro a rubrica deserdado.) *Um homem revoltado é um homem que aprendeu com a Natureza a teimar contra as injustiças do mundo e a teimar contra o discurso bonito e empolado cercado de subjetividades advindas do homem das Humanidades.* Um homem revoltado também é um homem duplamente enfezado. Literalmente caga e mijá em cima do saber imposto pelos doutores da Lei e das Letras como única saída do obscurantismo e, com isso, *o homem conscientemente enfezado acaba por propor outras formas de pensar por poéticas que emergem da ignorância.* Não preciso dizer que sou filho legítimo de uma família de gente enfezada da fronteira-sul. (NOLASCO, 2019, p. 37, grifos meus)

Sob a pluma da citação apostada, compreendo-me, também, como um homem criado justamente na revolta da fronteira-sul, tal qual delineei no início desse texto reproduzindo a imagem do meu eu-criança na fazenda dos meus avós: Suzete e Antônio, nas margens de Campo Grande. Formei-me *homem-menino-fronteira-homo-biográfico* justamente onde dormita(va) o esquecimento e a solidão dos *anthropos* sul-fronteiriços. Considerando essa condição andarilha e atravessada incutida na gênese do meu ser, hoje, entrevejo que o endosso das minhas reflexões críticas de pesquisador se descortina diferencialmente na maneira a qual desloco (e traduzo) (NOLASCO, 2013) as leituras epistêmicas que me abalizo para pensar pela égide diferencial minha periferia posta-exposta em cena nesse *trabalho-corpo-político*.

Angário a reivindicação de direitos críticos, filosóficos (NOLASCO, 2013), *bios-geo-culturais* e sensíveis à revelia do pensamento dual, hierárquico e universalista imperante na História do Ocidente. Dito isso, desencubro/retiro a tarja imperial (NOLASCO, 2013) da imagem de atrasada, nativa, sombria, bárbara, selvagem, sem capacidade de reflexão, sem

sensibilidade, dependente e resto do mundo/civilização/saber (NOLASCO, 2013) da paisagem *biosgeocultural* da fronteira-sul da exterioridade. Essa, por sua vez, continua sendo o interstício limítrofe epistemológico. Se um por lado, ela denota a condição infinita de atravessamento, ao mesmo tempo, barra as teorias viajantes (NOLASCO, 2013) apontando que só pode narrá-la com base em um pensamento, também, fronteiriço emergente de dentro do seu próprio seio. Em linhas gerais, um saber *outro* que se predispõe a escutar o balbucio (NOLASCO, 2013) dos *anthropos*, ou seja, dos *oprimidos pero no vencidos* (NOLASCO, 2013) em todas as suas *diversidades* biográficas, culturais, linguísticas, sensíveis, geostóricas e epistemológicas.

À vista disso, entrevejo que no tocante à fronteira-sul, essa sofra de uma tripla categorização de inexistência, visto que parece não existir frente aos Estados centralizados brasileiros (sobretudo, no eixo Rio-São Paulo), nem na perspectiva macro da América Latina em relação ao Brasil e, em uma instância maior ainda, para os projetos globais ocidentais promovidos, sobretudo, pela Europa e pelos Estados Unidos. Percebo, nesse ínterim, que o biolocus de onde erijo minhas escrituras incute a *periferia da periferia da periferia* (NOLASCO, 2013, p. 97). Em termos de América Latina, segundo Mignolo, o Brasil está posto nela não por uma questão linguístico-cultural, mas por pertencer territorialmente ao continente ficando de fora dos debates críticos sobre os trópicos por vias dos desconhecimentos linguísticos acarretando uma subalternização endossada pela própria América Latina (MIGNOLO *apud* NOLASCO, 2013).

Julgo necessário, portanto, pontuar que as exterioridades residem em todos nós, divíduos fronteiriços, contudo, de maneiras diferentes, haja vista as condições periféricas distintas que nos habitam. Ainda que para o filósofo argentino Enrique Dussel, citado por Mignolo em *Histórias locais/projetos globais* (2003, p. 244), a América Latina resida na exterioridade do “outro” a qual se constitui o sistema mundial moderno, o que explicaria as sucessivas construções de exterioridades nas narrativas coloniais, ainda assim, o Brasil e, mais especificamente, a fronteira-sul não encontram seus lugares ao sol no plano das teorizações sobre/a partir dos trópicos. Dessa forma, para não recairmos em bairrismos provincianos, há que voltarmos nossos olhos para todas as esferas de inexistências que nos incutem, de maneira consciente ou não. Habitamos e somos habitados pelas exterioridades tanto quanto todos os latino-americanos e, por isso, angario co-existências epistêmicas globais, mas, também, continentes e interestatais, no tocante ao Brasil. No poema “Fronteira”, Nolasco explicita:

*A fronteira é meu lócus biográfico.  
A fronteira é dentro e fora de mim.*

[...]

Eu me aconteço na fronteira, incluindo seu dentro e seu fora, mas sobretudo sua borda rendada e porosa (enjoei de metafísica).

A fronteira é minha possibilidade de existir. Estou condenado a percorrer sua encosta e, por conseguinte, construir minha travessia desde antes do meu nascimento. Nessa trajetória biográfica e intransferível eu contornei minha angústia, reconheço minha presença e ainda tenho esperança.

[...]

Se a fronteira é meu lócus fronteiriço, meu poema é meu tempo biográfico-histórico. Sou e estou em meu poema na medida em que ele não se resume a um objeto estético. Estou na condição do desalojamento de sua beleza. *Meu poema ainda vai chegar a existir*, assim como vai se erigir a pergunta que faço ao mundo por meio dessa falha poética que intento contornar dentro dessa tarde de janeiro de 2015, enquanto olho para o crepúsculo suspenso sobre a fronteira-sul. (NOLASCO, 2019, p. 81, grifos meus)

Assim como o poema de Nolasco, a minha fronteira-sul *ainda vai chegar a existir* na história da humanidade, dos saberes e das artes-literaturas destituída da sua tripla insígnia de periferia/exterioridade. À vista disso, Homi K. Bhabha me é necessário para abalizar que existe uma suposição autodestrutiva, promovida pelo Ocidente e replicada nos trópicos, de que a teoria é, como condição *sine qua non*, a linguagem da elite privilegiada socioculturalmente (BHABHA, 2013). Em linhas gerais, acredita-se que o lugar da teoria é intrínseco aos arquivos eurocêntricos (BHABHA, 2013) do Ocidente imperialista ou neocolonial e, por extensão, inexistente em quaisquer outros *loci* geohistóricos e epistemológicos de produção do conhecimento e das artes-literaturas.

Nesse cenário, a falaciosa construção de uma suposta “teoria pura” (BHABHA, 2013) eurocentrada exime a existência das tragédias e das histórias dos condenados da terra atravessados pelas diferenças coloniais que grassam no planeta (BHABHA, 2013). Para Bhabha (2013), esse é o contexto em que antagonistas sociais e contradições históricas não tomam outra forma que a do binarismo maniqueísta posto pela teoria *versus* política em que a meta de conhecimento, nesse prisma, resguarda-se à inversão simplista das relações opressor-oprimido, centro-periferia e imagem negativa-positiva. Pelo reverso, o crítico indiano, assim como eu, situa-se no deslizar/atravessamento das margens do deslocamento cultural embaçando quaisquer binarismos e/ou dicotomias simplórias e prejudiciais para a articulação das diferenças coloniais e, por conseguinte, das exterioridades.

Ressalvadas as diferenças, Bhabha aquilata um entre-lugar, um terceiro espaço, angariando um lugar *outro* de enunciação político e histórico transformador das significações da herança colonial nos signos liberatórios de povos realmente livres e de um futuro global mais igualitário (BHABHA, 2013). Para o intelectual indiano, o terceiro espaço, ou o entre-lugar dessa perspectiva, é a ambivalência da estrutura de significação e de referência rompendo o espelho da representação o qual o saber cultural é revelado como um código integrado, aberto e em expansão (BHABHA, 2013). Desse viés, desafia-se as noções de identidades históricas das culturas como força homogeneizante, monotópica, unificadora, legitimada pelo passado como originário e mantido em pulsação na tradição nacional das civilizações.

É justamente a condição “entre”, ou “inter” (BHABHA, 2013), que carrega o fardo do significado das culturas possibilitando que se comece a apreciar as *reais* histórias locais dos povos contadas por eles mesmos e não por intermédio de terceiros, sejam esses quais forem. No explorar desse terceiro espaço quase irrepresentável, barra-se as polaridades simplórias e maniqueístas emergindo para o mundo *a partir de nós mesmos* (BHABHA, 2013), dos nossos desejos-afetos *outros*, gêneros/sexualidades dissidentes-desviantes-inconvenientes, *loci* geostóricos/epistemológicos e paisagens *biosgeoculturais* das exterioridades. Como Mignolo explicita, ao habitar a fronteira, nossos horizontes de expectativas e espaços de *experivivências* e, por extensão, de *escrevivências* já não são os dos impérios ocidentais-neocoloniais, ainda que tenhamos casa, número, rua, telefone e carteira de habilitação em nacionais imperais (MIGNOLO *apud* NOLASCO, 2018, p. 67). Na esteira dessa proposição *biosgeocultural* e crítica, evoco dois poemas, “Uma dor colonizada” e “*El desdichado de frontera*” respectivamente, de Nolasco:

Contraditoriamente,  
a fronteira-Sul é Ocidental:  
lugar onde o sol se põe.  
O monstro colonial emergiu e  
tornou toda uma experiência local *fronteriza*  
em um pântano estéril e sedento  
por uma razão vinda de longe. (NOLASCO, 2014, p. 15, grifos do autor)

[...]

Condenado, continuo a voltar àquele lugar que nunca saiu de mim  
e, para meu alento e desencanto, *encontro aquela paisagem sanguinolenta do*  
*crepúsculo encobrendo de um vermelho quase*  
*negro, pertinho da melancolia,*  
o vulto de uma fronteira que resiste ao esquecimento de uma vida  
de outrora. (NOLASCO, 2014, p. 54, grifos meus)

Assim como o canto do poeta sul-fronteiriço, coloco-me, também, na condição de condenado à fronteira, *continuo a voltar a esse lugar que nunca saiu de mim, encontro sua paisagem sanguinolenta do crepúsculo encobrido de um vermelho quase negro, pertinho da melancolia* das diferenças coloniais as quais habito e sou habitado, simultaneamente. É a partir da paisagem para além do último céu (DARWISH *apud* SAID, 2002), do fim da fronteira do mundo moderno, nesse espaço histórico e geopolítico (Brasil/Paraguai/Bolívia), segundo Bessa-Oliveira, que aquilato a conceituação das paisagens *biosgeoculturais* pela égide de uma *episteme outra* para saberes-artes-literários descoloniais do ser, sentir, estar e saber. Os imbricamentos do *bios-divíduo*, do geo-espaço somados às grafias-narrativas (BESSA-OLIVEIRA, 2018) descortinam a possibilidade de pensar essas paisagens *biosgeoculturais* fronteiriças.

Entendo, portanto, que para além das atribuições permeadas pelas necessidades *academicistas*, minhas escrevivências sul-fronteiriças vertidas nesse *trabalho-corpo-político* acabam por reverberar e delinear o contorno/desenho do meu *bios* (NOLASCO, 2014), minha quase autobiografia epistêmica-sensível-afetiva-crítica. Permeados por uma ferida colonial que nos rasgou o tanto quanto pode à exaustão do sangrar da nossa carne dita sub-humana, nós, *anthropos*, angariamos a possibilidade de vivermos livremente e bordarmos nossas paisagens *biosgeoculturais* da exterioridade no plano da tessitura escrevvente pelo enviesamento de uma óptica *outra* ordenatória de mundo. Essa pele fronteiriça por excelência é a nossa verdade, ademais a nós mesmos. Sabemos que existimos a partir dela e, por isso, somos mais fronteiriços do que nunca poderíamos sê-lo.

### Referências

- BESSA-OLIVEIRA, M. A. *Paisagens biográficas pós-coloniais: retratos da cultura local sul-mato-grossense*. Campo Grande: Life Editora, 2018. (Obra Completa)
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. (Obra Completa)
- MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. (Obra Completa)

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf). Acesso em: 20 abr. 2020. (Artigo em Periódico Digital)

MIGNOLO, W. *El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2011. (Obra Completa)

MIGNOLO, W. Desobediencia epistémica (II), pensamiento independiente y libertad decolonial. 2015. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/otroslogos/Revistas/0001/Mignolo.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020. (Artigo em Periódico Digital)

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso: 20 abr. 2020. (Artigo em Periódico Digital)

NOLASCO, E. C. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013. (Obra Completa)

NOLASCO, E. C. *Pântano*. São Paulo: Intermeios, 2014. (Obra Completa)

NOLASCO, E. C. *O oráculo da fronteira*. São Paulo: Intermeios, 2018. (Obra Completa)

NOLASCO, E. C. *A ignorância da revolta*. São Paulo: Intermeios, 2019. (Obra Completa)

PESSANHA, J. G. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: UBU Editora, 2018. (Obra Completa)

SAID, E. W. Israel está mais seguro?. 2002. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/margens\\_margenes/article/view/10687](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/margens_margenes/article/view/10687). Acesso em: 20 abr. 2020. (Artigo em Periódico Digital).

SANTOS, B. de S. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2010a. (Obra Completa)

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, M. P.; SANTOS, B. de S. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83. (Capítulo de Livro)